

NUTRICIONISTAS: QUEM SOMOS?¹

Sheila ROTENBERG²
Shirley Donizete PRADO³

RESUMO

Este trabalho faz parte de um projeto mais amplo de estudo sobre o perfil de nutricionistas no Estado do Rio de Janeiro "Nutricionistas: quem somos? onde atuamos? como atuamos?" Corresponde à etapa que se propõe a identificar o que esses profissionais têm em comum, em suas histórias de vida, no que tange à escolha da Nutrição como área de formação e à utilização do saber forjado na universidade, quando no exercício da profissão. O perfil profissional apresentado neste artigo foi delineado a partir de diversos encontros realizados com nutricionistas e estudantes de Nutrição, através de dinâmicas de grupo e vivências.

Termos de indexação: nutricionista, pessoal de Saúde, perfil profissional.

ABSTRACT

DIETITIANS: WHO ARE WE?

The present paper is part of a larger study on dietitians profile in the State of Rio de Janeiro, entitled "Dietitians

(1) Trabalho realizado com apoio do Conselho Regional de Nutricionistas, 4ª região, e apresentado no XII Congresso Brasileiro de Nutrição, realizado em Blumenau, SC, de 1º a 6 de outubro de 1989.

(2) Nutricionista Sanitarista, Professora Auxiliar do Departamento de Nutrição Social da Faculdade de Nutrição da Universidade Federal Fluminense, Rua São Paulo, 30, 4º andar, Valonguinho, Centro, 24000 Niterói, RJ.

(3) Nutricionista Sanitarista, Professora Auxiliar do Departamento de Nutrição Comunitária do Instituto de Nutrição da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rua São Francisco Xavier, 524, 12º andar, Bloco D, sala 1219, 20550 Rio de Janeiro, RJ.

tians: who are We? where do We act? how do We act?" It aims at identifying what such professionals have in common in their life stories, in connection with their choice of Nutrition as their field of study and the use they make of university-acquired knowledge during the exercise of their profession. The professional profile shown in the present article has been outlined on the basis of several meetings with active and prospective dietitians through group dynamics and other experiences.

Index terms: dietitian, Health personnel, professional profile.

1. INTRODUÇÃO

Conhecer o perfil profissional tem sido preocupação dos nutricionistas e a partir da década de 80 vem sendo motivo de discussão e reflexão em vários encontros promovidos pelas entidades da categoria (YPIRANGA, 1981; ENCONTRO..., 1986; YPIRANGA E GIL, 1987; BOSI, 1988; ENCONTRO..., 1988).

Este tema tem sido de difícil encaminhamento devido às mais diversas interpretações e enfoques do que venha a ser o perfil profissional.

A nosso ver, conhecer o perfil do nutricionista significa conhecer o que o nutricionista é hoje, a partir de sua história de vida, identificandó pontos comuns e diferenças, os motivos que o levaram à escolha da Nutrição, porque, para que e para quem ser nutricionista.

Nas palavras de Carlos R. Brandão:

Pensamos que a finalidade de qualquer ação educativa deva ser a produção de novos conhecimentos que aumentem a consciência e a capacidade de iniciativa transformadora dos grupos com quem trabalhamos.

Por isso mesmo, o estudo da realidade vivida pelo grupo e de sua percepção desta mesma realidade constituem

o ponto de partida e a matéria prima do processo educativo (BRANDÃO, 1988).

Esta linha de pensamento começou a se esboçar e a ser trilhada no Rio de Janeiro, a partir do II Encontro Estadual de Entidades de Nutricionistas, realizado em abril de 1988. Daí em diante, ocorreram novos encontros entre profissionais e estudantes de Nutrição, seguindo essa mesma orientação.

Esta pesquisa faz parte de um estudo mais amplo: - "Nutricionistas: quem somos, onde atuamos e como atuamos?" - e é também fruto de nossa participação enquanto membros da coordenação dos diversos encontros, que nos permitiram perceber o quanto havia em comum entre todas as histórias de vida individuais.

Considerando que os debates sobre perfil profissional estão apenas em seu início entre os nutricionistas e que esta é uma discussão que deve se fazer permanente em nosso dia-a-dia, acreditamos que este trabalho seja oportuno e desejamos que possa vir a contribuir no processo de reflexão e de transformação de nossa categoria e da sociedade como um todo.

Não há aqui qualquer pretensão de fechamento dessa questão. Pelo contrário, procuramos colocar um enfoque de discussão, uma tentativa de compreender o real, o concreto, o existente, entendendo que a partir do conhecimento da realidade será possível apontar os caminhos a seguir para a sua transformação.

Finalmente, é necessário enfatizar que é impossível separar o que é deste trabalho do que é nosso, na medida em que fazemos parte do processo.

2. OBJETIVOS

Enquanto parte de uma proposta mais ampla de estudo do perfil dos nutricionistas no Estado do Rio de

Janeiro - quem somos, onde atuamos, como atuamos? - este trabalho corresponde à etapa que se propõe a identificar o que esses profissionais têm em comum em suas histórias de vida. Mais especificamente, conhecer similaridades presentes nos processos de escolha da Nutrição como área de formação e de utilização do saber forjado na universidade, quando no exercício da profissão. Em outras palavras, começar a conhecer quem somos como ponto fundamental para o processo de transformação social.

3. METODOLOGIA

A metodologia utilizada tem suas bases em técnicas de dinâmica de grupo que partem de histórias de vida individuais, localizando pontos comuns que permitem a construção de uma história coletiva. Tanto o trabalho de Paulo Freire (FREIRE, 1977, 1979 a, b; BRANDÃO, 1987) como a Teoria Moreniana de Psicodrama (MORENO, 1983, 1987) são tomados como balizamento teórico para a proposta levada a cabo.

Esse tipo de trabalho (correntemente denominado "oficinas", "linhas da vida", etc.) começou a ser utilizado primeiramente pelos movimentos feministas em trabalhos alternativos. No Estado do Rio de Janeiro, veio a ganhar espaço institucional através da realização de "Oficinas de Práticas Educativas", destinadas ao treinamento de profissionais de saúde na área de assistência à saúde da mulher, movimento esse que se iniciou em 1985, em Niterói, através do Grupo Feminista Maria Mulher, enquanto parte de uma discussão mais ampla sobre Política de Saúde, Sexualidade e Planejamento Familiar.

A partir daí, foram realizados diversos trabalhos envolvendo outros campos, como análise institucional e reflexão sobre prática profissional, para citar alguns exemplos.

Esses diferentes trabalhos têm em comum o fato de investirem numa linha de treinamento e/ou reciclagem a partir

da tríade ação-reflexão-transformação, individual e coletiva (MONTEIRO, 1988; REGINA et al., 1988). Também é importante enfatizar que as atividades são centradas na verbalização das emoções e das vivências individuais, possibilitando, de forma bastante democrática, a participação de cada um dos presentes, inclusive dos coordenadores que, neste tipo de trabalho, são facilitadores, orientando a discussão/reflexão e contribuindo para a percepção, por parte do grupo, de pontos comuns e de diversidades expressas nas diferentes histórias individuais.

Trata-se, portanto, de uma forma de "pesquisa participante" que parte do individual para o grupal, permitindo, finalmente, extrapolações para o social como um todo.

Todos esses trabalhos, de modo geral, caracterizam-se por várias fases: *identificação*, que corresponde à apresentação dos participantes; *avaliação inicial*, onde são colocadas as expectativas, desejos e interesses a respeito das atividades a serem desenvolvidas; *aquecimento*, que corresponde ao preparo para a dinâmica, tendo como objetivos a concentração, o conhecimento e a integração do grupo, de forma a favorecer um clima de maior intimidade e relaxamento, propiciando o afloramento das vivências e emoções.

A partir do clima de aquecimento, pouco a pouco entra-se no *tema central do encontro*; os participantes entram em contato com suas emoções, rememoram pontos importantes de suas histórias de vida, passando a relatá-los. Os temas discutidos, na verdade, são vivenciados pelos participantes acoplando razão e emoção.

A idéia é fazer surgir sempre a fala do outro. A minha vida permite um ideal de encontro, a troca com a emoção de descobrir-se, semelhantes e diferentes (CARNEIRO et al., 1985).

Segue-se o *fechamento*, onde as vivências, pontos comuns e diversidades são compartilhados entre os participantes do mesmo grupo e dos vários grupos.

NUTRICIONISTAS: QUEM SOMOS?
S. ROTEMBERG e S. D. PRADO

Não se fecham questões, tudo é criado de forma a permitir que cada grupo imprima o rumo e o ritmo próprio do seu processo de conhecimento (CARNEIRO et al., 1985).

No último momento - *avaliação final* - os participantes exprimem tudo que foi vivido através de uma sensação, uma palavra que expresse o estado geral, individual e coletivo, naquele instante.

Esta pesquisa foi desenvolvida a partir do debate do tema perfil profissional, em cinco encontros realizados no Rio de Janeiro, entre profissionais e estudantes de Nutrição, envolvendo cerca de 90 "histórias de vida"⁴.

As técnicas aplicadas nesses encontros, com o objetivo de identificar quem somos, porque, para que e para quem escolhemos Nutrição, não foram idênticas entre si, mas apresentam vários pontos em comum que permitem análises a partir dos seguintes cortes:

- a infância - aqui os participantes se reportam ao passado, numa tentativa de informar o que queriam ser quando crescessem;

- a escolha da Nutrição - também num "retorno" ao passado, busca-se reconstruir os fatos e os motivos que culminaram na entrada num curso de graduação em Nutrição;

- o término do curso de Nutrição - não se pode aqui falar em passado, dada a participação de vários recém-formados e de estudantes; neste momento procura-se conhecer que uso se pretende/pretendia fazer com o conhecimento forjado, tanto ao longo do curso de Nutrição, como na vida universitária, em seu sentido mais amplo;

(4) * Encontros Estaduais de Entidades de Nutricionistas, realizados em abril e setembro de 1988.

* Dinâmica preparatória para o Encontro de setembro, realizado em junho de 1988.

* Encontro Nacional de Entidades de Nutricionistas, realizado em outubro de 1988.

* Encontros para reflexão sobre o perfil profissional, realizados entre estudantes de Nutrição da Universidade do Rio de Janeiro e da Universidade Federal Fluminense, em 1988.

- as perspectivas para o futuro - os desejos de hoje (profissionais e da vida como um todo) são captados através de uma carta escrita por cada um dos participantes com data de 10 anos contados a partir do momento do encontro.

4. QUEM SOMOS?

4.1 Avaliação inicial

No início da dinâmica, pede-se aos participantes que coloquem suas expectativas em relação aos trabalhos a serem realizados. Observamos nas respostas, que as pessoas, em geral, se apresentavam com bastante disponibilidade para reflexão e participação em um trabalho diferente, o que pode ser traduzido nas seguintes palavras: *"bom"*, *"interessante"*, *"curiosidade"*, *surpresa*, *"encontro"*⁵.

As expectativas predominantes entre os participantes foram de *"união"*, *"integração"*, *"troca"*, *"crescimento"*, *"conhecimento profissional"* e *"pessoal"*.

4.2 Sonho de infância

Na resposta à pergunta "o que queria ser quando crescesse?" podemos observar que desde a infância há uma grande influência cultural, fazendo com que a maioria das respostas para o futuro seja associada ao papel predeterminado da mulher na sociedade. Foi marcante nas respostas o desejo de *"ajudar"*, *"cuidar"*, *"ser útil"*, *"educar"*, que apontam projeções do trabalho do "lar" na escolha da carreira profissional. As profissões mais citadas foram: *"professora"*, *"médica"*, *"médica de criança"*, *"psicólogo"*, *"biologia"*,

(5) As expressões destacadas correspondem a citações dos participantes.

"bailarina", "pianista", "dançarina", "veterinária", "aeromoça", "mãe", "enfermeira", "jardineira".

Outras respostas apontam para uma clara perspectiva de ascensão social, observadas através das seguintes projeções: *"ser alguém na vida", "ser advogado", "ser engenheiro", "ser independente", "ser administrador", "ser grande cientista tipo Oswaldo Cruz".*

Chama a atenção o fato de várias respostas terem sido citadas no masculino, embora trazidas por mulheres.

Fugindo do perfil predominante, foram indicadas, ainda que em menor freqüência, projeções que sugerem tanto o enfrentamento ao proibido, rebeldia, como tentativas de ser diferente e desejos de lidar com um universo mais amplo: *"cantora de cabaré", "comunista", "sociólogo", "trabalhar com história e geografia", "artista", "arqueóloga".*

De modo geral, as profissões citadas têm um elo em comum: todas implicam em relações interpessoais, em comunicação, em contato com pessoas.

4.3 A escolha da Nutrição

Diante da pergunta "Por que escolhi Nutrição?" os relatos foram bastante coerentes com o perfil delineado na infância.

A própria escolha da Nutrição vem consolidar a pre-determinação de realizar uma atividade culturalmente considerada feminina e de extensão do lar: *"profissão que serve para mulher", "útil para a família".*

O desejo de lidar com pessoas e a vontade de ser útil, de ajudar, de cuidar, voltam a aparecer. Aqui, porém, essa ajuda começa a ficar mais clara, mais caracterizada num cuidado *"sem contato com a dor", "morte", "sangue", "pobreza" ou "miséria",* demonstrando, talvez, uma forma superficial e periférica de contato com a realidade.

Em freqüência sensivelmente elevada, a biologia é citada, bem como a natureza e o cuidado com o próprio corpo, enquanto motivadores da escolha pela Nutrição.

Biologia, natureza e alimento são mencionados como sinônimos de vida sem sofrimento.

A obrigatoriedade de passar no vestibular, de ter um curso superior, de ser alguém na vida, de ser independente, acompanhada de insegurança, desvalia e medo de não ser capaz de passar no vestibular levam à não escolha da Medicina, profissão tão citada e valorizada na infância, ou mesmo de outras "*profissões nobres*". É importante ressaltar que em alguns relatos, o medo foi derivado de fatos reais, como a reprovação em vestibular prestado anteriormente para Medicina ou Odontologia principalmente, ou como a entrada na Nutrição viabilizada pelo mecanismo da "segunda opção".

A conjugação desses fatores leva à procura da Nutrição como que por eliminação, em detrimento de outras profissões também ligadas ao cuidado, ao alimento, à natureza.

Cabe ainda acrescentar relatos que revelam a escolha da Nutrição "desprovida de reflexão": "lendo no livrinho do vestibular na hora da inscrição".

Apesar de a Nutrição, em muitos casos, não ter sido uma escolha "de primeira opção", vários relatos revelam o gosto e a identificação com a profissão.

A busca do novo, do desconhecido, foi outro motivo mencionado para a escolha da profissão; paralelamente, foram freqüentes relatos de existência de conhecimento anterior sobre a profissão, seja através de amigos, parentes, palestras ou jornais. Fica colocada, portanto, a possibilidade de se perguntar: será que a profissão é tão nova e desconhecida assim?⁶ (GOUVEIA, 1971; BRASIL, 1983). Esta é uma das

(6) Os primeiros cursos de Nutrição surgiram na década de quarenta e a profissão foi regulamentada pela Lei 5.276, de 24-4-1967.

questões freqüentemente debatidas na categoria, percebendo-se certa polarização entre as posições a esse respeito.

Diante da contradição dos relatos é possível pensar que o "novo" pode estar representando o desconhecimento do dia-a-dia da profissão, o que não é exclusividade da Nutrição; pode também estar indicando a pouca concorrência, seja para passar no vestibular, seja para entrar no mercado de trabalho, como bem ilustram as frases "*nova, sem muita concorrência no vestibular*", "*fácil de passar*", "*emergente e promissora*".

Essa busca pelo caminho mais fácil não se dá somente no momento do vestibular ou em relação à entrada no mercado de trabalho, mas também na projeção do que se vai encontrar na graduação: um curso em "*que não seja preciso estudar muito*", "*com horário integral "relativo"*", "*sem muitas exigências*", "*sem muitas responsabilidades*".

O desejo de ascensão social projetado na infância aparece, novamente, porém poucas vezes associado à ascensão financeira. Fica caracterizada, portanto, a busca predominante de *status* social, seja através do diploma de nível superior, seja pela realização de um trabalho sacerdotal. Diferentemente, a ascensão financeira é bem mais almejada entre os estudantes.

Enfim, a procura da Nutrição passa, predominantemente, pelo alimento, pela biologia, pela natureza, pelo *status* social do curso universitário, pela insegurança, pela desvalia, pela busca do caminho mais fácil, pelas relações interpessoais, pelo cuidado sem sofrimento, pela filantropia, pela extensão do lar, pelo papel feminino na reprodução/transformação da ordem social.

Acompanhando ainda o perfil da infância na escolha da Nutrição, aparecem poucos relatos em que constam a preocupação com o social, com a fome, enfim, com universos mais amplos e com a rebeldia frente à realidade.

Chama a atenção, finalmente, o fato de população e saúde praticamente não estarem presentes nas falas dos participantes, indicando uma projeção do trabalho futuro centrada no individual, apesar dos desejos de estabelecimento de relações interpessoais. O cuidado sem sofrimento não se encontra embasado na percepção social da produção do processo saúde/doença e sim, no alimento, em sua expressão mais reducionista.

4.4 O término do curso de Nutrição

As falas diante da pergunta "O que pretendia fazer com tudo aquilo que vivi na universidade?" concentram-se, basicamente, em expectativas de conseguir emprego e em críticas à formação universitária.

Ao concluir a graduação, a maioria dos profissionais queria trabalhar, conseguir algum emprego na área desejada, onde aplicaria os conhecimentos forjados na vivência universitária, ao mesmo tempo em que mantinha o propósito de ajudar, de cuidar e de ser útil.

O trabalho é percebido como forma de acesso a bens materiais (questão concreta) e de ter ascensão social, "ser respeitado", "ser alguém na vida", "ser conhecido" (questão subjetiva/ideológica). Essa percepção é desprovida de uma visão mais clara de que a realização desse trabalho, desse cuidado, serve a alguma classe social dentro da sociedade em que vivemos, caracterizando, portanto, uma perspectiva individualizada e reducionista.

Uma parte minoritária fez referência ao seu afastamento da profissão - temporário ou definitivo - devido a "casamento", "emprego em outra área". Essas falas guardam coerência com resultados da pesquisa sobre mercado de trabalho (PRADO & ABREU, 1988) que revelam que cerca de 30% dos nutricionistas inscritos no CRN-4 não trabalham na profissão. Dentre os profissionais presentes, um não entrou para o mercado de trabalho: "virei dona de casa".

A partir dos relatos, também fica clara a existência de certo nível de frustração, de decepção com o curso de graduação, certamente fruto de uma idealização da universidade e daquilo que o diploma universitário pode conferir: *"perdida", "sem muita convicção", "sem saber o que fazer", "meio decepcionada", "desiludida"*.

Por um lado, os profissionais parecem encarar a universidade de forma descolada da política educacional do País, depositando nela uma expectativa bastante além do que é oferecido. A universidade, por sua vez, reforça essa idealização, na medida em que coloca a formação técnica como questão mais importante e solucionadora e, em nome da neutralidade da ciência, não aponta para a compreensão do uso desse saber na sociedade em que vivemos, obscurecendo seus reais alcances e limitações.

O profissional, ao deparar-se com o mercado de trabalho e com a nitidez das condições impostas pela relação capital-trabalho (mesmo que, no mais das vezes, não a perceba), entra novamente num processo de frustração ao não ver concretizada a idealização cultivada ao longo da vida e reforçada pela universidade. *"Querida me realizar totalmente, iria conseguir tudo, casa, carro... estudei tanto pra quê? Frustrante, não é nada disso."*

Essas decepções com a graduação e com o mercado de trabalho conjugadas com a insegurança (que é anterior à entrada na universidade e que permanece ao longo da vida) levam o profissional a buscar, mais uma vez, na aquisição de conhecimentos, através da participação em *"muitos cursos de aperfeiçoamento", "especialização"*, etc., um caminho para a realização do ideal construído com base na capacidade individual.

Por outro lado, o dia-a-dia dos profissionais demonstra muitas vezes que a participação em congressos e cursos se dá de forma bastante passiva, não caracterizando uma busca de conhecimento para transformação da prática profissional e, em alguns casos, deixando transparecer, quase

exclusivamente, o desejo de se afastar, mesmo que temporariamente, do trabalho.

O que se percebe, portanto, é a formação de um ciclo de idealização/frustração praticamente sem saída, uma vez que é centrado no indivíduo e deslocado da complexidade social. Daí venham, talvez, os sentimentos de desesperança e desânimo diante da vida profissional.

Assim como foi visto em itens anteriores, ao lado da visão predominante, persiste um contradiscurso. Alguns poucos profissionais já têm clareza da relação capital-trabalho e citam que, de alguma forma, há "exploração" presente pela "falta de estabilidade no emprego", pelo "salário injusto" ou pela "jornada de trabalho excessiva". E apontam uma perspectiva de transformação social, entendendo a Nutrição como questão política, fazendo uma opção mais consciente da utilização do saber.

Mais uma vez, a população, a quem o trabalho deve servir, foi predominantemente esquecida.

4.5 Perspectivas para o futuro - desejos do presente

A partir da leitura das cartas foram identificados desejos profissionais e pessoais dos participantes, tendo predominado, mais uma vez, a visão individual/reducionista.

A expectativa predominante é de chegar, "apesar das dificuldades", a uma realização profissional/pessoal plena, onde muitos ou quase todos os sonhos são alcançados. Para os profissionais, a plenitude corresponde à realização profissional, "ser respeitado profissionalmente", enquanto para os estudantes, essa plenitude passa por "muitas ofertas de emprego", "com bons salários", possibilitando a aquisição de bens materiais desejados, "carro" principalmente.

A via que leva a essa realização é a via individual onde basta ter muito "amor", "dedicação", "responsabilidade", "coragem" e "vontade de vencer".

Outro caminho citado, e não excludente, é o da capacidade profissional. Foram expressos desejos de participação em muitos cursos de especialização, mestrado e doutorado, através dos quais se alcançaria segurança e confiança.

Neste momento, podemos traçar um paralelo com o que foi colocado anteriormente em relação à frustração com a graduação, em face da realidade do mercado de trabalho. Os caminhos citados, desprovidos de uma visão coletiva, podem, mais uma vez, levar à frustração na medida exata da impossibilidade da realização desses sonhos por canais centrados no individual.

Em outras palavras, sonhos, perspectivas de melhora, estão presentes, assim como algum nível de consciência em relação às dificuldades existentes, porém sem muito "pé no chão", o que os tornam frágeis, levando a uma possível frustração.

Sonhos e perspectivas de melhora via capacitação, amor, responsabilidade, são importantes, porém, devem estar contextualizados na realidade concreta da sociedade.

A influência cultural expressa através da religião também se faz presente: "...*continuo trabalhando muito, graças a Deus, consegui desenvolver tudo que tenho em mente...*". A construção da história é deslocada para outras forças que não as do homem enquanto indivíduo/coletividade.

Pode-se observar deslocamento semelhante em relação ao governo, como se este fosse uma instituição abstrata e não composta por representantes de ideologias e classes sociais.

Um número expressivo de profissionais se coloca numa perspectiva mais coletiva. Buscam a realização profissional através da participação nas lutas da categoria, porém ainda com uma visão bastante corporativa e ingênua. Todas as bandeiras de luta como "*concursos públicos*", "*piso salarial*", "*estabilidade no emprego*", "*jornada de trinta horas*

semanais", entre outras, seriam alcançadas "... *através da união e fortalecimento da categoria acima de qualquer divergência...*"

Parece que basta ser nutricionista para que todos tenham os mesmos compromissos e ideais. Vêm, também, essas lutas isoladas das lutas dos demais trabalhadores. Dessa forma, fica mascarada a existência das contradições dentro da categoria e da sociedade como um todo, bem como passa despercebida a importância dos conflitos para a superação dessas contradições e a conseqüente transformação da sociedade.

Mantendo uma proporção minoritária, poucos relatos trazem uma visão mais global integrando o individual, o pessoal com o coletivo. Compreendendo a Nutrição como uma questão política, demonstram preocupação com o uso/manipulação que possa ser feito da técnica e da Nutrição. Vêm-se participando/compartilhando do processo de transformações sociais "*na busca da democracia*", "*de uma sociedade mais justa*", "*mais interessante*", com "*a razão e a paixão*".

Algumas citações no sentido de estarem "*participando de outros encontros*", "*buscando novos participantes*", convocando os faltosos e demonstrando prazer em participar, "*agitar*" e "*trabalhar*", apontam para a existência de disponibilidade por parte dos participantes em continuar na luta.

Existe, portanto, um terreno fértil para novas propostas de reflexão e de prosseguimento no processo de conscientização da categoria.

Além do quadro traçado, três questões perpassaram as cartas escritas pelos participantes: a família, o trabalho e o salário.

Na medida em que se trabalhou com dinâmicas que partem do indivíduo, suas vivências e emoções, somadas ao fato de a grande maioria das pessoas presentes serem mulheres, o tema família esteve muito presente nos trabalhos, particu-

larmente nas lembranças da infância e na redação da carta. Como projeção para o futuro, há um caminhar para a reprodução da instituição família... como nossos pais...

Chama a atenção o fato dos profissionais participantes projetarem uma realização profissional plena com muito trabalho e pouca menção a salários, a aquisição de bens materiais e ao lazer. O dinheiro e a estabilidade financeira não se firmam como importantes e valorizados.

Por que o dinheiro não apareceu? Será que os profissionais estão satisfeitos com o que recebem pelo seu trabalho?

Já os estudantes demonstraram, ao contrário, grande preocupação com a questão financeira. Sendo estudantes, adultos/jovens, adolescentes e dependentes financeiramente de suas famílias, colocam como fundamental para sua independência o ter seu "*próprio dinheiro*".

Será que por se tratar de um grupo predominantemente feminino e já inserido no mercado de trabalho, o dinheiro passa a funcionar como complemento da renda familiar? Será que o salário não é visto como valor real do trabalho realizado? Será que, mais uma vez, fica constatada a influência cultural do papel da mulher na sociedade?

Ainda no estudo sobre o mercado de trabalho observa-se que a média salarial dos nutricionistas gira em torno de 7,5 salários mínimos pela jornada de trabalho de 36,8 horas semanais, em média, ou seja, menor que a proposta da categoria, que é de 10 salários mínimos por 30 horas semanais⁷; observa-se, também, que a maioria dos profissionais têm um único emprego e que o maior empregador neste Estado é o setor público (PRADO & ABREU, 1988).

Hoje, o setor público, devido à política de esvaziamento e sucateamento que vem sofrendo, tem se caracterizado pelo empreguismo, clientelismo, descrédito, má admi-

(7) Proposta aprovada no I ENEN mas que, até o momento, ainda não foi transformada em lei.

nistração, falência, depreciação do trabalho do funcionário público, baixos salários, etc., tendo, este quadro, como pano de fundo, uma história de autoritarismo, populismo e, nas últimas décadas, uma clara política de privatização.

Foi visto, anteriormente, que os profissionais projetam para o futuro uma realização profissional com muito trabalho e sem menção a melhorias financeiras. Na medida em que o setor público paga mal e exige pouco trabalho, desvalorizando, portanto, o trabalhador, moral e financeiramente, e considerando que a metade dos nutricionistas trabalha no setor público, fica identificada uma contradição entre a realidade e o discurso dos profissionais.

A partir desse ponto pode-se derivar algumas possibilidades de interpretação, que podem não ser excludentes entre si ou, pelo contrário, estarem bastante interligadas.

Primeiramente, esse discurso do *"trabalhar muito"* pode estar correspondendo a um mecanismo para encobrir uma realidade de ociosidade do setor público, muitas vezes percebida nas expressões popularmente conhecidas *"você finge que me paga e eu finjo que trabalho"* ou *"trabalho muito pelo pouco que recebo"*. Por outro lado, pode também estar correspondendo a um reclamar, consciente ou não, da exploração a que estão submetidos.

Em contraposição a esse tipo de pensamento bastante difundido, o funcionalismo público vem demonstrando sua insatisfação e o crescimento de sua organização através da intensificação de movimentos em defesa de seus salários, de suas condições de trabalho e do próprio setor público.

Uma outra possibilidade seria a de que esse intenso trabalhar estaria para além das atividades realizadas no emprego, englobando a dupla jornada de trabalho (casa, família), os trabalhos extras, a participação em entidades, o corre-corre da vida. Há que se considerar que *"a vida não está fácil"*, exigindo intensa ocupação do tempo.

Em mais uma hipótese, não se pode deixar de considerar o papel ideológico do construir a realização plena através do trabalho intenso. Em outras palavras, a visão de que para se melhorar e melhorar o mundo, dada a enormidade dessa empreitada, seria necessário muito trabalho. Entretanto, como já foi citado anteriormente, não aparecem a politização e a contextualização desse trabalho, que correspondem a elementos essenciais à transformação social, fazendo dessa "intenção" apenas uma forma de reprodução da ordem e da realidade estabelecida.

Numa outra e forte possibilidade, o discurso do "*muito trabalhar*" poderia estar reforçando outra ideologia dominante: a valorização profissional e moral a partir da quantidade de trabalho e não em função de seu valor real expresso através de salário. Não se pode negar, nem se deixar enganar, pois na sociedade capitalista o valor do trabalho é expresso em dinheiro.

Poderia haver, ainda, a tentativa de passar uma imagem de segurança, valorização ou capacitação profissional via "*trabalhar muito*". Entretanto, o que se observa, ao mesmo tempo e contraditoriamente, é uma história real de desvalia e insegurança manifestada, concretamente, na busca de mais cursos, na não procura de "*profissões nobres*", na procura de caminhos mais fáceis e na busca de *status* social desacompanhado de ascensão financeira numa complexa relação valorização/desvalorização. Valorização porque trabalha muito, desvalorização porque não precisa ganhar muito pelo muito que trabalha e/ou porque não merece ganhar mais pelo que trabalha, na medida em que se sente "*incapaz*".

Diante dessas contradições pode-se questionar: será que hoje os profissionais estão trabalhando muito? qual a qualidade desse trabalho? qual o valor real desse trabalho? qual o nível de consciência política dos nutricionistas acerca dessas questões?

O fato do lazer ter sido pouco mencionado, e quando citado, ter aparecido somente na aposentadoria e/ou concomitante ao "trabalho autônomo" em "restaurantes" ou "consultórios próprios", reflete e reforça as hipóteses levantadas anteriormente.

Ter que trabalhar muito, seja pela necessidade financeira, seja pelo aspecto moral do valor do trabalho, implica na impossibilidade de tempo para lazer.

A realização do desejo implícito de se sentir mais livre, com menores obrigações, é projetado para o futuro. É a presença da ideologia capitalista do amanhã: a idade produtiva deve ser destinada ao trabalho - "muito trabalho" - e à reprodução da força de trabalho - a família - ficando o lazer para depois do cumprimento da missão, do dever cívico da produção.

Na medida em que não se rompe com valores atuais, pode-se mais uma vez reviver a frustração. Será que dá para ter lazer com salário de aposentado?

Além do dinheiro e do lazer, que foram pouco ou quase nada mencionados, a participação em cargos ou situações de poder não foi colocada uma vez sequer.

Por um lado, é possível identificar um desejo de poder manifestado pela "queixa" da categoria que se vê excluída da participação nos processos decisórios: "no planejamento", "na definição de políticas de alimentação e nutrição", etc. Por outro lado, para se chegar ao poder é necessário disputá-lo, disputa essa que requer ambição, autoconfiança, participação política, características poucas vezes manifestadas pelos participantes e ideologicamente apresentadas como "feias" e/ou "não femininas".

A passagem do desejo/queixa para o alcance real do poder implica no enfrentamento dos conflitos, no rompimento com a desvalorização apontada diretamente ou de forma mais velada, na história de vida dos nutricionistas.

4.6 Fechamento e avaliação final

Esta etapa corresponde ao momento de compartilhar, de trocar as experiências vivenciadas. Procurou-se, também, avaliar se o objetivo central dos encontros foi atingido, se a metodologia utilizada foi bem aceita pelos participantes e se as expectativas colocadas no início dos trabalhos foram atendidas.

Para isso, foi utilizada a expressão de um sentimento que, em poucas palavras, fosse capaz de traduzir como cada um dos participantes saía dos trabalhos.

Alguns exemplos que sintetizam o alcance do objetivo principal são as expressões: *"compreensão de cada um"*, *"conhecer mais"*, *"aproximação"*, *"união"*, *"diálogo"*, entendendo esta compreensão como conhecimento não só de si mesmo como também do outro, do individual construindo o coletivo.

Outras palavras apontam no sentido de que a metodologia utilizada, o caminho trilhado foi bom, foi um caminho que gerou *"paz"* e *"descanso"*, que deixou *"emocionada"*, *"feliz"* e *"bem"*, ou ainda, em outras expressões como *"adorei"*, *"gostei muito"*. Esta avaliação deriva, certamente, do fato de este tipo de trabalho abrir espaço para a razão e também para a emoção e, além disso, permitir a participação de todos de forma bastante igualitária.

Quanto à avaliação inicial, é possível afirmar que os exemplos citados anteriormente demonstram que o desenvolver dos trabalhos não frustrou as expectativas dos participantes, que eram de *"união"*, *"integração"*, *"troca"*, *"crescimento"*, *"conhecimento profissional e pessoal"*.

Outras expressões mencionadas como *"refletindo"*, *"ansiedade"*, *"perdida"*, *"esperança"*, *"sonhando"*, *"preocupada"*, sugerem também reflexão e mudança.

Enfim, podemos afirmar que foi possível caminhar em direção ao objetivo de conhecer quem somos, através de

um processo dinâmico que envolve ação, reflexão e transformação, objetivo este que foi atingido.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um dos grandes desafios que hoje se colocam diz respeito a como conjugar a singularidade de cada indivíduo com o coletivo, com o social. Esta pesquisa corresponde a uma tentativa de trazer contribuições no campo desse desafio, ao buscar a interação, num trabalho qualitativo, da razão com a emoção.

As considerações finais aqui apresentadas são oriundas de debates realizados com nutricionistas e outros profissionais da área da Saúde em torno das análises desenvolvidas neste trabalho.

A inclusão de outros profissionais no debate constituiu uma tentativa de entender o que se passa com as demais profissões da área da Saúde. A partir desse primeiro contato ficou evidente a necessidade de ampliar esse estudo, com vistas à identificação de pontos comuns e diferenças existentes entre a profissão de nutricionista e as demais categorias.

No estudo do perfil do nutricionista, encontramos duas formas marcantes de os profissionais encararem e viverem a profissão. Majoritariamente, está presente uma visão que reduz a Nutrição - formação, mercado de trabalho e atuação profissional - na medida em que a vivência como um trabalho de extensão do lar, sacerdotal, com pouca menção a salários e lazer, onde a realização profissional é alcançada basicamente pelo esforço individual. Minoritariamente, como expressão de resistência, apresenta um contradiscurso, que conflita, mas que em alguns momentos comporta e amplia a visão majoritária a universos mais reais e abrangentes; a escolha e a realização profissional vem acompanhada de

preocupações com o social, com a fome, com o coletivo, com a transformação da sociedade.

Perpassando essas duas falas básicas, estão presentes algumas questões que merecem ser comentadas.

Dentre as várias leituras e interpretações do perfil dos nutricionistas, um ponto foi consensualmente destacado. A entrada na Nutrição que, aparentemente, mais se aproxima de uma casualidade do que de uma escolha claramente construída, pode ser encarada como manifestação consciente de desejos inconscientes. Alimento e alimentação trazem, entre outras, a idéia de fome, de falta de alguma coisa, de carência. O desejo de ajudar, de cuidar, pode ser entendido, não só como um cuidado pelo outro, como também um cuidado por si. Nutrir-se. Assim, a busca da Nutrição pode ser traduzida como uma busca de fortalecimento, de conhecimento, de reconhecimento, de ser respeitado, de ser alguém na vida, de ser, de existir: a busca de uma identidade profissional, de uma identidade.

A condição feminina da profissão traz à tona aspectos relativos à formação da mulher culturalmente voltada para a submissão. Os conflitos, a oscilação de sentimentos, as sensações de segurança/insegurança, auto-estima/desvalia, estão presentes de tal forma que contribuem para uma crise de identidade/identidade profissional.

O papel profissional muitas vezes fica obscurecido, confundido com o papel da mulher em nossa sociedade que é de cuidar, cozinhar, educar, administrar o lar. A nutricionista, ao assumir no trabalho funções dessa mesma natureza, como que reproduz o trabalho doméstico. Se está tão misturada a vida de dona de casa com a vida de nutricionista, se a dona de casa não é vista como trabalhadora, como se colocar como trabalhadora na vida profissional? O que é da profissão? O que é da condição feminina?

Machado, estudando a mão-de-obra feminina no setor Saúde, no Brasil, considera que:

O papel desempenhado pela mulher na esfera social é, em grande parte, reproduzido na escolha de sua profissão. Ela prepara-se para tarefas consideradas femininas. Aceita cargos considerados femininos e procura funções tidas como feminina, tais como: professora, pediatra, enfermeira, atendente, faxineira, etc. Em outras palavras, a mulher passa a fazer de seu trabalho uma extensão do trabalho doméstico (MACHADO, 1989).

Na ausência de papéis bem definidos, vem a confusão, a angústia, a frustração, a falta de clareza quanto a sua identidade profissional, agravada, reforçada pela fragilidade real da formação. A graduação em Nutrição não instrumenta suficientemente os profissionais e mascara os reais alcances da técnica, suas limitações e suas contradições. Daí, a necessidade incessante de buscar cursos de especialização, para se sentirem mais seguros profissionalmente, com mais confiança em si mesmos, ou até mesmo visando à procura de uma nova identidade profissional.

A insegurança profissional, fruto da falta de instrumentação e da falta de clareza quanto ao seu papel, sua atuação prática - nos dias de hoje, exige do nutricionista, profissional com formação de nível superior da área da Saúde, papéis diferenciados daqueles de sua origem - traz o sentimento de constante ameaça, o medo do real desaparecimento da profissão manifestado pelo medo da perda de espaços já conquistados e por atitudes de forte cunho corporativista.

Que instrumentos nos faltam? O que precisamos aprofundar? Que contribuições podemos trazer para a Saúde? Para onde vamos?

O alimento, que dentro da área da Saúde nos caracteriza, e a população, a quem devemos servir, pouco apareceram. Apontamos para a necessidade de aprofundar a compreensão da sociedade, do homem e do alimento, mais especificamente da dietética, em todas as suas dimensões e a

alimentação para além do seu valor nutritivo, abrangendo seus aspectos emocionais, culturais, sociais, seus ritos e símbolos, numa perspectiva histórica.

Esperamos contribuir para essa reflexão dando retorno desta pesquisa às pessoas que participaram dos Encontros - agentes sociais deste trabalho - e à categoria como um todo, através da realização de novos Encontros onde posamos aprofundar as discussões sobre a prática profissional e o objeto de trabalho do nutricionista.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOSI, M. L. M. *A face oculta da nutrição: ciência e ideologia*. Rio de Janeiro : Espaço e Tempo, UFRJ, 1988. 220p.
- BRANDÃO, C. R. *O que é método Paulo Freire*. São Paulo : Brasiliense, 1987. 113p.
- _____. *Pesquisa participante*. São Paulo: Brasiliense, 1988. 221p.
- BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Secretaria de Ensino Superior. *Os cursos de nutrição no Brasil: evolução, corpo docente e currículo*. Brasília : MEC, 1983. 280p. [Série Cadernos de Ciências da Saúde, 6].
- CARNEIRO, F.; DINIZ, L.; GUILHON, M. & LIMA, M. J. *Direito da reprodução*. Rio de Janeiro : Assembléia Legislativa, 1985. 20p. [Trabalho resultante do Seminário Direitos da Reprodução, realizado em 22-9-1984]. (Mimeografado)
- ENCONTRO NACIONAL DE ENTIDADES DE NUTRICIONISTAS, 1, 1986, Brasília. *Relatório final*. Brasília : 1986. 14p. (Mimeografado)
- ENCONTRO NACIONAL DE ENTIDADES DE NUTRICIONISTAS, 2, 1988, Rio de Janeiro. *Relatório final*. Rio de Janeiro: 1988. 6p. (Mimeografado).
- FREIRE, P. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1977. 150p.

- FREIRE, P. *Educação e mudança*. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1979a. 79p.
- _____. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979b. 218p.
- GOUVEIA, E.L.C. Formação do nutricionista nos anos 70. *Boletim da Associação Brasileira de Nutricionistas*, Rio de Janeiro, v.3, n.12, jan./dez., 1971.
- MACHADO, M. H. A mão-de-obra feminina no setor saúde no Brasil. In: LABRA, M.E. (Org.). *Mulher, saúde e sociedade no Brasil*. Petrópolis : Vozes/ABRASCO, 1989. p.119-133.
- MONTEIRO, V.L.M.P. *Mulher e parto: revisando a realidade através do psicodrama*. Rio de Janeiro : 1988. 161p. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Estudos Avançados em Educação da Fundação Getúlio Vargas.
- MORENO, J. L. *Fundamentos do psicodrama*. São Paulo: Summus Editorial, 1983. 254p.
- _____. *Psicodrama*. São Paulo: Cultrix, 1987. 492p.
- PRADO, S.D. & ABREU, M.S.D. de. *Nutricionistas: onde trabalham? quais suas condições de trabalho? Relatório de Pesquisa*. Rio de Janeiro : UERJ, 1988. 27p. (Mimeografado)
- REGINA, M.; LIMA, M.J. de; BAIÃO, I.; XAVIER, D.; CAMURÇA, S. & OLIVEIRA, E.M. de. *Como trabalhar com mulheres*. Rio de Janeiro : Vozes/IBASE, 1988, 96p.
- YPIRANGA, L. Formação profissional do nutricionista: histórico dos cursos e currículos. *Alimentação e Nutrição*, São Paulo, v.2, n.5, p.58-60, 1981.
- _____. & GIL, M. de F. Formação do profissional nutricionista: por que mudar? In: SEMINÁRIO SOBRE A FORMAÇÃO EM NUTRIÇÃO NO BRASIL: ÊNFASE NA GRADUAÇÃO, 1987, Salvador. 11p. (Mimeografado)

Recebido para publicação em 6 de agosto de 1990.